



A memória e sua plasticidade: uma revisão histórica da noção de memória em Freud

Memory and its plasticity: a historical revision of Freud's notion of memory

**Carolina Fasano Quintella
Paulo José Carvalho da Silva**
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Brasil

Resumo

O presente trabalho pretende examinar como Freud considera a memória humana e seu funcionamento. Para isso, faz-se uma leitura atenta de alguns estudos que são marcos do pensamento freudiano acerca do tema. Para a compreensão deste fenômeno em sua totalidade, uma vez que o autor parte do pressuposto que o conteúdo esquecido não fora eliminado e perdido, mas encontra-se no tão obscuro e desconhecido inconsciente individual, é necessário investigar desde o início de sua obra as teorias formuladas por ele que de uma maneira ou de outra envolvem a memória como um fator causal das atitudes humanas propondo uma pesquisa panorâmica e não exaustiva do funcionamento mnêmico. Enfim, faz-se uma história conceitual da memória humana na teoria freudiana.

Palavras-chave: memória; Freud; psicanálise

Abstract

The present work sets out to examine how Freud understands human memory and how it works. In order to do so, a thorough rereading of some of the key studies on Freudian thought must be done. To completely comprehend this phenomenon, since the author assumes that the forgotten content was not eliminated or lost, but can be found in the dark and unknown unconsciousness of any individual, it is necessary to begin investigating his initial theories, which in one way or another involve memory as a casual factor of human attitudes. Using this idea, we propose a panoramic-not-exhaustive research on the way that memory works and intend to make a conceptual history of human memory according to Freud's theory.

Keywords: memory; Freud; psychoanalysis

Marina Massimi (2010) mostra que, processo ativo e abrangente, a memória está intimamente relacionada à faculdade da imaginação e aos estados passionais, tendo função capital na assimilação da experiência, como se fosse o “estômago da alma”.

O tema já rendeu variadas produções acadêmicas em Psicanálise. Angélica Bastos (1999) frisa a relação dos preenchimentos das lacunas da memória com as lembranças encobridoras, traumas, deslocamentos e recalque. Adela Stoppel de Gueller (2001) aborda o tema pelo viés da atemporalidade do inconsciente. Paula de Oliveira Carvalho (2003) defende que, em Freud, o próprio psiquismo consiste num “aparelho de memória”.



Há muitas publicações que abordam o funcionamento da memória a partir de uma patologia. Maria Manuela Assunção Moreno (2009) procura compreender como se dá a repercussão de um trauma no dinamismo mnêmico, entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, entre a percepção e a representação. Delia Catullo de Goldfarb (2004) investiga a memória a partir da perda gradual da mesma nas demências. Já José Carlos Zeppellini Junior (2013) pensa que, nos processos demenciais senis, há uma impossibilidade de esquecer, ou melhor, um conflito entre a atemporalidade do inconsciente e a temporalidade do corpo.

Segundo a obra freudiana, a memória dita o que somos, à revelia de nós mesmos. Mesmo a memória isenta de qualquer patologia é impertinente, indomável e pode enganar o Eu. Parafraseando Milan Kundera, pode-se afirmar que todo ser humano é subordinado a certa *Ignorância* proveniente tanto da recusa de admitir que das experiências vividas o que se armazena são mais esquecimentos do que lembranças, como de admitir que os esquecimentos não são exauridos, mas podem estar armazenados numa parte de si mesmo que todos desconhecem.

Propõe-se neste artigo uma pesquisa panorâmica do funcionamento da memória do ponto de vista freudiano. Esta não se pretende exaustiva, mas percorre a obra do autor, desde os primeiros escritos até os de sua idade avançada. O método é o da história conceitual, segundo o qual se procura descrever quando, como e relacionado a quais problemáticas uma noção ou ideia é proposta por um pensador. Foi utilizada a edição standard das obras completas de Freud em língua portuguesa da editora Imago, cotejando-a com a edição na língua alemã (Freud, 1976), na busca de uma maior fidelidade ao texto original.

Os primeiros tempos

Enquanto se dedicava à compreensão da histeria, Freud constatou que em estados hipnóticos, as recordações de suas pacientes poderiam emergir claramente através de alucinações. Admitindo que o retorno de uma determinada lembrança é um elemento fundamental de um ataque histérico, constatou também uma dissociação, uma divisão no conteúdo consciente do indivíduo.

Numa carta escrita a Josef Breuer em 1892, encontrada nos *Esboços para a comunicação preliminar* (1893), Freud destaca que a histeria é o efeito de recordações que não se manifestam claramente e que estão fora do alcance do paciente, ausentes de sua memória consciente.

A partir de uma lembrança que desencadeia um ataque histérico, Freud conceituou o que denominou de trauma psíquico, que não é uma lembrança qualquer, mas consiste numa “impressão que o sistema nervoso tem dificuldade em abolir por meio do pensamento associativo ou da reação motora” (Freud, 1893/2006c, p. 196). O trauma psíquico pertence a



uma segunda consciência que o paciente só tem acesso durante um ataque real. Ao retornar ao seu estado normal, as reproduções, os discursos e os eventos psíquicos ocorridos naquele determinado momento que o paciente estava sob efeito hipnótico, assim como o próprio ataque histérico, são esquecidos por completo.

Segundo Freud, as lembranças que voltam à tona na histeria aconteceram na primeira infância do paciente, pois esta é a fase em que aquilo que foi registrado ainda não é passível de verbalização, e para pertencer à consciência a verbalização é a via de acesso às representações.

Nos *“Extratos dos documentos dirigidos a Fliess”* (1892-1899), Freud trabalha com a hipótese de que a lembrança ou não de um evento não é constituída de uma vez, mas há uma dinâmica na memória onde os traços mnêmicos estão submetidos a uma constante reordenação e reprodução do material acessível. Ele diz:

estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias – a uma retranscrição. Assim, o que há de essencialmente novo a respeito da minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações (Freud, 1892-1899/2006d, p. 281).¹

Assim, na *“Carta 52”*², Freud apresenta o aparelho psíquico dividido em três inscrições: as indicações da percepção (*Wahrnehmungszeichen*) que seriam seu primeiro registro articulado de forma simultânea às associações; a inconsciência (*Unbewusstsein*), que se associa a conteúdos ausentes da consciência e desperta no sujeito sensações prazerosas ou desprazerosas; e por fim, a pré-consciência (*Vorbewusstsein*), que verbaliza a sensação e representa o ego do sujeito, ou seja, representa a parte do conteúdo que lhe é aceitável.

Sobre a interação entre essas três inscrições, Freud (1892-1899/2006d) conclui: *“os sucessivos registros representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida”* (p. 283), e parte do pressuposto que para que a instalação de um acontecimento se concretize na memória consciente é necessário que haja uma espécie de tradução do material psíquico. Quando esse material não é traduzido na íntegra ou parcialmente, migra para o inconsciente e é aí que Freud se refere ao recalçamento (*Verdrängung*):

¹ Entre 1887 e 1902, Freud manteve intensa correspondência com Wilhelm Fliess (1858-1928), médico alemão especializado em cirurgia e otorrinolaringologia, que através de Josef Breuer, em 1892, tornou-se um grande amigo, confidente e figura muito importante e presente para Freud em pleno nascimento da psicanálise.

² Para um aprofundamento qualitativo na noção de memória tal como descrita na *“Carta 52”*, é indicado o artigo de Antonello, D. F. & Herzog, R. *A memória na obra freudiana, para além da representação* (2012).



Uma falha na tradução – isto é o que se conhece clinicamente como “recalcamento”. Seu motivo é sempre a produção de desprazer que seria gerada por uma tradução; é como se esse desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o trabalho de tradução (1892-1899/2006d, p. 283).

Acrescenta ainda que “na fronteira entre essas épocas deve ocorrer uma tradução do material psíquico” (Freud, 1892-1899/2006d, p. 283) concluindo que “dentro de uma fase psíquica e entre os registros da mesma espécie, forma-se uma defesa normal devida à produção do desprazer. Já a defesa patológica somente ocorre contra um traço de memória, de uma fase anterior, que ainda não foi traduzido” (1892-1899/2006d, p. 283).

Como visto, todo ser humano possui certa propensão a esquivar-se do sofrimento e por essa razão pode-se dizer que todos possuem uma grande tendência ao esquecimento, uma vez que o esquecimento tem por fim defender-se de lembranças que quando rememoradas podem trazer um novo desprazer. Ou seja, esse desprazer atual do momento em que o evento ocorre perturba o pensamento a ponto de impedir o processo da tradução desse material na consciência. Entretanto, há lembranças dolorosas que permanecem presentes na memória consciente e isto se dá pelo fato que esses registros possuem uma maneira de coibir (*hemmen*) a produção de desprazer quando a lembrança emerge à consciência, e quanto mais frequente são estes retornos da lembrança ao pensamento consciente, mais resistente e distante da sensação de desprazer ela se torna.

Outro aspecto presente nessas correspondências para Fliess é a presença do conceito de fantasia que, numa combinação com o inconsciente, consiste numa espécie de “contorno” que embaraça a lembrança original, e pela ordem crescente do nível de intensidade e de energia contida no recalque, aprimora alguns traços e obstrui outros, dificultando o acesso a determinadas lembranças pois se configura de acordo com a história, tendências e experiências próprias do sujeito.

Diante da lembrança de um determinado acontecimento, algumas partes da experiência são lembradas sem dificuldades enquanto outras só podem ser lembradas por meio das fantasias construídas em cima delas. Essas fantasias possuem a função de tirar do alcance consciente uma determinada parte da lembrança que é passível de manifestar sintomas, ou seja, lembranças dolorosas. Essa distorção elaborada sob a memória ocorre por um processo de falsificação em que fragmentos auditivos e visuais, se unem e se transformam numa fantasia.

Provavelmente é assim: algumas das cenas são diretamente acessíveis, mas outras o são apenas por intermédio das fantasias erigidas em frente a elas. As cenas são dispostas em ordem crescente de resistência: as que foram recalçadas com menos energia vêm à luz primeiro, porém só incompletamente, devido a sua associação com as que foram duramente recalçadas (Freud, 1892-1899/2006d, p. 300).



Em “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar” (1893), que serve de introdução aos célebres *Estudos sobre a histeria*, Freud afirma que esses traços mnêmicos que permanecem no inconsciente humano podem causar sintomas (como os ataques histéricos, por exemplo), contudo, quando interrogado diretamente sobre a causa de um determinado sintoma, o sujeito de fato não sabe responder. A origem desse sintoma não consiste numa experiência que o sujeito simplesmente não gosta de falar, mas essa experiência lhe é tão insuportável que ele é incapaz de recordá-la ou de mantê-la na consciência, e por isso não há meios de suspeitar que o sintoma atual é relacionado àquele determinado evento do passado. “Essas experiências estão inteiramente ausentes da lembrança dos pacientes quando em estado psíquico normal, ou só se fazem presentes de forma bastante sumária” (Freud, 1893/2006m, p. 45).

Para Freud, as experiências que quando recordadas podem manifestar qualquer tipo de afeto aflitivo, tais como susto, vergonha, angústia e dor física, podem atuar como um trauma psíquico dessa natureza, sendo esse trauma a causa desencadeadora de um sintoma histérico. “A lembrança do trauma age como um corpo estranho que, muito depois de sua entrada, deve continuar a ser considerado como um agente que ainda está em ação” (Freud, 1893/2006m, p. 42).

Assim, quando o acontecimento que vinha à consciência durante o ataque histérico era rememorado claramente, o sintoma desaparecia imediatamente e permanentemente. Isto porque esta lembrança tornava possível a tradução daquele afeto não elaborado em palavras. Freud acrescenta: “um sofrimento psíquico que é recordado no estado consciente de vigília ainda provoca uma secreção lacrimal muito tempo depois de ocorrido o fato. Os histéricos sofrem principalmente de reminiscências” (Freud, 1893/2006m, p. 43).

As reações aos registros conscientes, desde singelas lágrimas a elaborados atos de vingança, são experiências que possibilitam o descarregamento de um afeto e impedem que sejam expulsos da consciência. O enfraquecimento de uma lembrança ou a perda de seu afeto depende de vários fatores, contudo, o mais relevante deles é em relação à existência de “uma reação energética ao fato capaz de provocar um afeto” (Freud, 1893/2006m, p. 45). Sabe-se que quando não há reação ou a reação é reprimida, o afeto mantém-se vinculado à lembrança, mas fora do alcance consciente.

Em 1893, Freud e Breuer concluem a teorização daquilo que fora chamado de “método catártico”, propondo que a partir do recalque de certas recordações que não são passíveis de integração na consciência, cria-se como efeito, um sintoma. Com a hipnose, método utilizado no nascimento da psicanálise que tinha por fim enfraquecer as funções conscientes para ter acesso aos registros inconscientes era possível ter acesso aos conteúdos reprimidos que se referiam à origem dos sintomas. Esses registros eram então revividos pelo paciente em estado hipnótico até que o sintoma fosse eliminado. Freud nomeou de ab-reação a descarga



emocional responsável pela eliminação de um sintoma que externaliza e descarrega os afetos vinculados a uma recordação especialmente traumática.

Os traumas psíquicos, ou seja, as lembranças que geram sintomas por não terem sido suficientemente ab-reagidas podem se relacionar ou pelo conteúdo da lembrança que tende a ser recalado, pelo fato que a natureza do trauma não suporta a reação, ou pelo estado psíquico em que o indivíduo se encontra quando vivencia a experiência em questão. É aí que Freud propunha retornar a um estudo mais profundo dessa dinâmica mnêmica, em que as lembranças constantemente se reordenam e reproduzem um novo material, antes não conhecido pelo indivíduo.

A partir do momento que introduzimos a reordenação e a reprodução de novos traços mnêmicos, antes não conscientes, nos é fundamental retomar um conceito que Freud introduziu pela primeira vez em 1899 que denominou “lembranças encobridoras” (*Deckerinnerungen*).

É sabido que Freud sempre deu uma forte importância patogênica quando se referia às lembranças oriundas dos primeiros anos de vida de um ser humano. Para ele, independente da idade, há uma relação direta entre a retenção de um evento na memória e a relevância psíquica de uma experiência. Entretanto, considera que somente a partir do sexto ou sétimo ano de vida o indivíduo se torna capaz de reter na memória uma sucessão de eventos emparelhados. Existem acontecimentos que causam uma profunda impressão na psique mas não são recordados na ocasião, e apesar de não nos lembrarmos deles logo após o acontecimento, a lembrança pode se manifestar conscientemente muito tempo depois, o que prova que determinado acontecimento impactou a psique do indivíduo desde sua ocorrência. Muitas vezes, as recordações da primeira infância, que geralmente são fragmentadas, são desconsideradas pelos indivíduos, o que perde o sentido quando se considera que uma criança com um desenvolvimento normal já possui uma capacidade mental organizada. Os acontecimentos retidos nesses primeiros anos não são menos importantes que os posteriores.

A maior parte das “lembranças encobridoras” consiste em lembranças que se referem ao período de dois a quatro anos de vida de um ser humano. Essas, a partir de um elemento comum, costumam encobrir e disfarçar algo que a consciência resiste em absorver. Dentro dessa dinâmica proposta por Freud, as funções da memória podem ser retardadas ou avançadas de acordo com as experiências vivenciadas pelo indivíduo, que ao evocarem um conteúdo inconsciente, podem despertá-los ou ignorá-los.

O que rege a seleção das lembranças que permanecem na psique, se conscientes ou inconscientes, é a importância que elas refletem logo após sua ocorrência – não podendo excluir o fato que essa noção de importância muda de acordo com o desenvolvimento humano, criando um abismo entre aquilo que é considerado importante para uma criança e para um adulto. Contudo, todo ser humano possui lembranças que são aparentemente



irrelevantes, incapazes de produzir uma reação emocional e incapazes também de desaparecer da memória consciente.

Sabe-se também que através do relato de terceiros pode-se chegar a algum evento que na sua ocorrência causou um impacto emocional forte para um indivíduo, mas que são incapazes de ser lembrados conscientemente pelo mesmo. É a partir dessas constatações que Freud começa a pensar a relação entre essas remotas lembranças e estes fatídicos esquecimentos. “Sem dúvida, são lembranças deslocadas cujo elemento essencial na maioria dos casos, foi omitido. Mas em alguns ele é ao menos sugerido, e em outros, é-me fácil completá-lo seguindo certos indícios” (Freud, 1899/2006g, p. 294).

Para Freud, essas lembranças aparentemente remotas e irrelevantes possuem sua continuidade armazenadas no inconsciente, ou seja, elas não são completas por que a retenção completa daquela experiência seria insuportável para o indivíduo. Assim, aquilo que possui maior relevância é expulso para o inconsciente enquanto aquilo que é aceitável apresenta-se somente por uma parcela do evento ou num evento relacionado a ele, fazendo com que a consciência torne-se incapaz de reconhecê-lo com dor e sofrimento.

O afeto aflitivo motivara a construção de uma defesa contra essas idéias, mas os motivos para levá-las adiante recusaram-se a ser suprimidos. O resultado foi uma conciliação, pela qual as passagens inocentes emergiam na memória da paciente com força e nitidez patológicas (Freud, 1899/2006g, p. 291).

Para compreender a retenção daquilo que é irrelevante na consciência e a ausência daquilo que de fato foi emocionalmente impactante é necessário compreender que, dentro do mecanismo desses processos, há duas forças psíquicas opostas, mas não excludentes, que administram a memória. Uma força acredita que determinada experiência ausente é relevante e considera a retenção do evento na consciência, uma tentativa de lembrá-la integralmente; e outra, a resistência, que tira do alcance consciente a parte ou o conteúdo relevante, buscando impedir a manifestação de qualquer lembrança consciente que remeta ao evento. Sendo assim, dentro dessa dinâmica entre essas duas forças, o que prevalece é a resistência, que não só pode excluir uma parcela do evento relevante, como excluí-lo em sua íntegra - e neste segundo caso o que fica registrado do evento são imagens mnêmicas que podem se reproduzir através de uma impressão importante ou associada ao evento. E aqui, ao invés da imagem mnêmica associada ao evento, existe uma outra, que com as mesmas impressões a encobre impedindo a sua nitidez, dificulta a relação entre o conteúdo da experiência consciente com o conteúdo do evento traumático, “disfarçando” sua relevância psíquica.

O caso em que os elementos essenciais de uma experiência são representados na memória pelos elementos não essenciais da mesma experiência. Trata-se de um caso de deslocamento para alguma coisa



associada por continuidade; ou, examinando-se o processo como um todo, de um caso de recalçamento acompanhado de substituição por algo próximo (seja no espaço ou no tempo) (Freud, 1899/2006g, p. 290).

Para Freud, é muito importante analisar o momento em que uma lembrança encobridora emerge à consciência. Esse surgimento pode servir para representar uma recordação posterior cujo conteúdo de ambas possuem uma ligação simbólica ou semelhante que faz com que uma lembrança infantil precise da união de duas fantasias para aparecer na consciência. Essa recordação infantil e inocente que não foi aleatoriamente selecionada, mas evocada pela consciência, tem como função a representação de um evento posterior. Segundo o autor: “em casos particulares, não apenas a data do aparecimento da primeira recordação, mas também toda a função da memória, pode ser avançada ou retardada” (Freud, 1899/2006g, p. 288).

Sobre as lembranças que surgem na consciência posteriormente ao período de sua ocorrência, Freud relata que apesar de não possuir garantia em relação à veracidade das produções mnêmicas de um indivíduo, confia na sua autenticidade, pois “você a selecionou dentre inúmeras outras da mesma espécie ou não, porque, graças a seu conteúdo (em si mesmo irrelevante) ela se prestava bem para representar as duas fantasias, tão importantes para você” (Freud, 1899/2006g, p. 298). Ele prossegue: “Uma recordação como esta, cujo valor reside no fato de representar na memória impressões e pensamentos de uma data posterior cujo conteúdo está ligado a ela por elos simbólicos ou semelhantes, pode perfeitamente ser chamada de ‘lembrança encobridora’” (Freud, 1899/2006g, p. 298).

É aí que voltamos ao conceito de fantasia anteriormente mencionado, quando uma lembrança infantil surge na consciência com um objetivo específico, faz-se necessário encontrar um elemento que una as duas experiências em que o conteúdo restante da fantasia, com o auxílio de todos os outros pensamentos intermediários presentes, promove algumas falsificações para colocar em foco aquilo que a lembrança tem a função de acobertar, como o realçamento de cores, sentimentos e/ou impressões.

As lembranças encobridoras podem ser regressivas ou progressivas dependendo da relação cronológica entre a lembrança que “encobre” e o conteúdo encoberto. O ser humano tende a falsificar as lembranças de acordo com seus conflitos e recalques, e na realidade, as lembranças que vêm à tona para a consciência a partir de determinados eventos não emergiram, mas foram elaboradas naquele momento procedente de elementos inconscientes, e por esta razão, Freud insiste no método da associação livre como uma via régia aos elementos inconscientes.

Freud retorna a este tema das lembranças encobridoras em 1901, em *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, no qual reitera que as lembranças da infância são elaboradas posteriormente através do funcionamento psíquico e das forças psíquicas que se fazem necessárias no decorrer da vida do indivíduo, ou seja, não correspondem necessariamente à



realidade factual. Diferentemente do funcionamento da psique em relação ao esquecimento de nomes que, quando se recorda de nomes substitutos há a convicção que eles não pertencem àquilo que se quer recordar, nas lembranças encobridoras há a surpresa da recordação. Freud discorre: “quando a função reprodutora falha ou se extravia, isso indica, com muito mais frequência do que suspeitamos, a interferência de um fator partidarista, de uma tendência que favorece uma lembrança, enquanto se empenha em trabalhar contra outra” (Freud, 1901/2006l, p. 61).

Em particular, Freud aborda nesse estudo tanto esquecimento de nomes quanto o esquecimento de palavras estrangeiras e de sequências de nomes. Esclarece que quando um nome é esquecido e outros substitutos aparecem erroneamente na consciência, há uma relação entre esses nomes substitutos e o nome perdido. A partir da interpretação dos nomes substitutos, pode-se chegar numa razão para o suposto esquecimento. Assim, com o objetivo de evitar o desprazer há duas razões funcionais que explicam o esquecimento de nomes: ou o próprio nome toca numa ferida pessoal do sujeito ou ele a toca através de uma possível associação com outro nome significativo para ele. Através de muitos exemplos, Freud aponta diversas razões que podem fazer com que um indivíduo se esqueça de um nome.

Uma de suas hipóteses é a que esse esquecimento pode ser resultado de um equívoco no alvo do conteúdo imemorado, isto é, quando há um evento perturbador próximo ao da tentativa de recordar o nome é possível que se esqueça algo sem intenção em função da tentativa de esquecer intencionalmente algo específico ocorrido em outro momento. Assim, entre o nome esquecido e o evento perturbador, há um vínculo associativo que torna inacessível a reprodução consciente daquilo que foi esquecido. Segundo o autor, certa predisposição do sujeito para o esquecimento deste nome, um processo de repressão ocorrido anteriormente e a possibilidade de associação do nome com o elemento reprimido podem ser condições necessárias para que um nome se desprenda da memória consciente de um indivíduo. Na maioria dos casos em que um nome é esquecido, faz-se presente a influência do próprio recalque individual, e para trazê-lo de volta à consciência, propõe-se um caminho através dos nomes substitutos advindos espontaneamente ou por via de uma associação livre induzida. Freud (1901/2006l) descreve: “Dois fatores parecem decisivos para trazer à consciência os nomes substitutos: primeiro, o esforço da atenção e, segundo, uma condição interna ligada ao material psíquico” (p. 24).

Em relação ao funcionamento da memória e à análise de casos de esquecimentos, Freud levantou algumas hipóteses. Constatou que ao buscar a causa de um esquecimento aparentemente inofensivo, o sujeito depara-se com assuntos pessoais e corriqueiros de sua vida que o afetaram intensa e penosamente. Do mesmo modo, há casos em que um desejo momentâneo pode ser enterrado por um esquecimento, o que é útil para o sujeito, uma vez que uma intenção que pode não responder às normas é sucumbida por um ato falho do esquecimento, uma impotência psíquica da qual ele foi convenientemente vitimado. As



análises dos esquecimentos frequentemente levam o sujeito analisado a assuntos desagradáveis e pessoais, e isso se dá porque aquilo que é distorcido da realidade ou esquecido associa-se a um conteúdo inconsciente que dá existência e forma ao esquecimento.

A relação entre a palavra esquecida e o conteúdo inconsciente é inesperada e há diversas maneiras para que essa associação ocorra. Pode se estabelecer através de relações superficiais, como pronúncias semelhantes ou uma ambiguidade verbal entre as palavras, ou o nome esquecido pode esbarrar em complexos perturbadores nos quais os mais eficazes são os auto referentes, ou seja, complexos pessoais, familiares e profissionais do sujeito que impedem a reprodução natural do nome esquecido.

O mecanismo do esquecimento de nomes (mais corretamente, de os nomes escaparem da memória, serem temporariamente esquecidos) consiste em que a pretendida reprodução do nome sofre a interferência de uma cadeia de pensamentos estranha, não consciente no momento. Entre o nome assim perturbado e o complexo perturbador existe uma conexão preexistente; ou essa conexão se estabelece, quase sempre de maneiras aparentemente artificiais, através de associações superficiais (externas) (Freud, 1901/2006l, p. 55).

Um certo não querer lembrar

Em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911) Freud discorre sobre o princípio de prazer (ego-prazer ou, no original: *Lust-Ich*) e o princípio da realidade (ego-realidade ou *Real-Ich*), a fim de investigar a relação do neurótico - e da humanidade - com o factual.

Os neuróticos afastam-se da realidade por achá-la insuportável - seja no todo ou em parte. O tipo mais extremo deste afastamento da realidade é apresentado por certos casos de psicose alucinatoria que procuram negar o evento específico que ocasionou o desencadeamento de sua insanidade (*Griesinger*). Mas, na verdade, todo neurótico faz o mesmo com algum fragmento da realidade (Freud, 1911/2006h, p. 237).

Assim, pelo princípio de prazer evita-se o contato com a realidade dolorosa e, por conseguinte, com qualquer lembrança que possa causar um desprazer psíquico. Entretanto, diante de uma frustração com base factual, nem sempre é possível satisfazer um desejo alucinatoriamente como se faz num sonho, e sabe-se que o próprio desejo de dormir consiste numa “rejeição deliberada da realidade” (Freud, 1911/2006h, p. 238). No lugar dessa tentativa, fundamenta-se um campo propício no qual torna-se necessário conceber os fatos reais, e para isso, pela própria condição da existência humana, faz-se uma modificação dessa realidade.



No desenvolvimento adaptativo à realidade externa, por meio dos órgãos sensoriais, o aparelho psíquico desenvolve uma atenção específica para atender a esse processo, como se fosse um princípio regulador entre prazer e desprazer. Essa atenção possibilita ao sujeito selecionar (mesmo que não conscientemente) os conteúdos que se tornariam parte da memória consciente.

Institui-se uma função especial, que tinha de periodicamente pesquisar o mundo externo, a fim de que seus dados já pudessem ser conhecidos se uma urgente necessidade interna surgisse: a função da atenção. Sua atividade vai encontrar as impressões sensoriais a meio caminho, ao invés de esperar por seu aparecimento. Ao mesmo tempo, provavelmente, foi introduzido um sistema de notação, cuja tarefa era assentar os resultados desta atividade periódica da consciência - uma parte do que chamamos memória (Freud, 1911/2006h, p. 239).

Freud, então, contrapõe a capacidade de julgamento crítico aos efeitos do recalque (*Verdrängung*), mas a condiciona aos mecanismos de comparação com os traços de memória (*Erinnerungsspuren*) da realidade:

foi assumido por uma passagem de julgamento imparcial, que tinha de decidir se determinada idéia era verdadeira ou falsa - isto é, se achava ou não em concordância com a realidade-, decisão que era determinada efetuando-se uma comparação com os traços de memória da realidade (Freud, 1911/2006h, p. 239).

Nesse processo, com o desenvolvimento das funções conscientes, dentre elas o pensamento, a catexia não era necessariamente eliminada por descargas motoras, mas foi possível direcioná-la ao invés de deixá-la livre na psique. "O pensar foi dotado de características que tornavam possível ao aparelho mental tolerar uma tensão aumentada de estímulo, enquanto o processo de descarga era adiado" (Freud, 1911/2006h, p. 240).

Entretanto, o princípio da realidade não domina completamente o pensamento; há sempre algo que escapa ao chamado "teste da realidade" (*Realitätsprüfung*), algo conforme ao sexual (*Sexualtriebe*), não necessariamente comprometido com o que convém à sobrevivência do eu (*Ichtriebe*). Através do pensamento, o sujeito retira da realidade fatos que combinados ao princípio de prazer formam uma realidade individual e incompartilhável. Esta capacidade de fantasiar, mais claramente manifesta nas brincadeiras infantis e, mais tarde, nos devaneios, produz uma realidade que só pertence a quem fora capaz de criá-la.

O recalque mantém-se todo poderoso no reino da fantasia, o que impede um domínio do racional na organização psíquica. Freud (1911/2006h) conclui: "Na realidade, a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade não implica a deposição daquele, mas apenas sua proteção" (p. 241). Assim, pode-se dizer que a própria memória



permanece movediça, conforme se dá, ao longo da vida do sujeito, o jogo entre os dois princípios.

Confusões entre duas forças antagônicas não excludentes são muito presentes na psique humana. Em *Fausse reconnaissance* (*déjà raconté*) no tratamento psicanalítico, publicado em 1914, Freud não só reafirma que uma lembrança encobridora possa vir a substituir outra recalçada, como também constata que a memória pode criar uma falsa certeza que uma intenção tenha sido efetivamente concretizada e, mais, que o ocorrido tenha sido narrado previamente no próprio tratamento psicanalítico.

Esse fenômeno, que poderia ser exemplificado com a frase “Como eu já te contei...” e que, na realidade, não ocorreu e nem havia sido contado antes, deve-se, segundo o próprio Freud, a não fidelidade da memória à realidade vivida: “É sabido que o senso de convicção da exatidão da própria memória não tem valor objetivo” (Freud, 1914/2006e, p. 207). Assim, caberia investigar a razão subjetiva que induziu o indivíduo a acreditar num registro anterior de determinada ação, em particular, elucidar porque tal analisando não registrou o que acredita ter narrado.

Para Freud, a *fausse reconnaissance*, equivalente ao espectro do “já vi isso” (conhecido como *déjà vu*, mas que inclui o já ouvi, já experimentei, já senti) ao qual se pode somar o *déjà raconté* (já contei), não pode simplesmente ser atribuída, como faziam teorias psicológicas da época, a uma debilidade aperceptiva, causada por fadiga, exaustão ou distração. Ele tende, obviamente, para a direção da tese defendida por Jean Grasset no artigo “La sensation de *déjà vu*”, publicado no recém fundado *Journal de psychologie normale e pathologique*, em 1904, que relaciona o fenômeno a uma impressão inconsciente.³

A partir de sua própria experiência clínica, Freud acrescenta que pode se tratar de um desejo inconsciente, passível de ser acessado por meio da continuidade das associações. Em outras palavras: “pode ter sua origem remontada a uma resolução inconsciente que nunca foi executada” (Freud, 1914/2006e, p. 209). Assim, a *fausse reconnaissance* é mais uma manifestação do caráter esquivo da memória humana. Refere-se a algo que o indivíduo tinha a intenção de contar, mas o mecanismo inconsciente o impediu, por se tratar, provavelmente, de um acontecimento real ou de natureza psíquica que suscitava resistências (*Widerstände*).

Nesse mesmo ano, Freud publica *Recordar, repetir e elaborar* (*Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II*)⁴ em cujo texto reitera que, desde a fase do método catártico de Breuer

³ O tema da memória figurava, de fato, entre os interesses dos pioneiros da psicologia patológica francesa. Maurice Reuchlin (2010) registra que Th. Ribot dedicou um notório tratado sobre as patologias da memória, chamado *Les maladies de la mémoire* (1881). Seu aluno e cofundador (junto a G. Dumas) do *Journal de Psychologie Normale e Pathologique*, P. Janet também publica um trabalho sobre a evolução da memória e a noção de tempo, o *L'évolution de la mémoire et de la notion du temps* (1928).

⁴ Cabe ressaltar que ao introduzir o conceito da repetição, Freud o articula à pulsão de morte, o que por sua vez torna o conceito da memória ainda mais complexo.



e da hipnose, os objetivos de uma psicanálise são o preenchimento das lacunas mnêmicas e vencer as resistências causadas pelo recalque.⁵

Em relação às lembranças da infância, nada do que é esquecido foi perdido. “Esquecer impressões, cenas ou experiências quase sempre se reduz a interceptá-las” (Freud, 1914/2006k, p. 165). Cabe aos psicanalistas buscar uma via para o inconsciente e, segundo ele, as lembranças encobridoras estão para a amnésia infantil assim como os sonhos estão para os pensamentos oníricos, sempre envolvidos com processos de deslocamentos e condensação.

Entre as vias de acesso ao inconsciente, uma que não fora abordada até o presente momento é o da repetição, que guarda uma relação direta com o esquecimento: aquilo que não é lembrado é repetido em ato. A maneira como o indivíduo age e reage se repete no decorrer da sua vida e nas suas diversas relações, inclusive na relação com o analista durante um tratamento.

Ou seja, a própria noção de transferência implica uma dada ideia sobre a dinâmica do esquecimento. Segundo Freud (1914/2006k) “a transferência é, ela própria apenas um fragmento da repetição e que a repetição é um fragmento do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual” (p. 166). Ele prossegue:

Devemos estar preparados para descobrir, portanto, que o paciente se submete à compulsão, à repetição, que agora substitui o impulso a recordar, não apenas em sua atitude pessoal para com o médico, mas também em cada diferente atividade e relacionamento que podem ocupar sua vida na ocasião (Freud, 1914/2006k, p. 165).

Freud constata que quanto mais repetição for identificada pelo terapeuta, maior a resistência do indivíduo. Assim, o manejo da transferência (*Handhabung der Übertragung*), tão crucial à condução de uma análise, e a conseqüente superação das resistências tem como horizonte o despertar das lembranças (*Erweckung der Erinnerungen*). Ora, sem o esquecimento não haveria neurose de transferência. O passado aflora-se pelo presente e é no presente que se deve analisar quando e como esse passado reaparece, para que, a partir disto, o próprio paciente, em seu tempo, sinta-se capaz de, agora, elaborá-lo (*durcharbeiten*), liberando-se da necessidade da repetição.⁶

⁵ Já em 1912, em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, Freud (1912/2006j) havia tratado da memória do próprio analista que, de modo coerente com seu pensamento sobre a capacidade seletiva da memória, não se mantém refém de registros permanentes, mas pratica uma atenção flutuante (*gleichschwebende Aufmerksamkeit*).

⁶ Cabe lembrar a importância crescente da noção de repetição ao longo das investigações de Freud, culminando notadamente num dos mais controversos e influentes marcos teóricos, o “Além do princípio de prazer”, de 1920 (Freud, 1920/2006b).



A recordação como condição para a elaboração também é defendida por Freud em *Luto e melancolia*, de 1915, no qual diferencia o processo normal de luto do luto patológico. Para que um luto não se torne doentio, ou seja, melancólico, é necessário analisar e elaborar a relação do indivíduo com o objeto perdido através da recordação. “(...) muito distinto de um esquecimento passivo, o luto é um esforço que exige lembrar para esquecer” (Carvalho da Silva, 2011, p. 712).

Para Freud (1911/2006i): “o luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (p. 249). O luto normal deve ser elaborado após certo tempo da perda objetiva. Nesse processo é necessário um desinvestimento da libido no objeto perdido e um deslocamento dessa energia para um objeto substituto. Por sua vez, para que o estado melancólico se instale é necessária uma predisposição patológica e narcísica, esse sujeito inconscientemente combina: “a perda do objeto, ambivalência e regressão da libido ao ego” (Freud, 1911/2006i, p. 262).

Diferentemente do indivíduo que está num processo de luto normal no qual a perda encontra-se integralmente na consciência, na melancolia a auto estima se perturba, o indivíduo perde a capacidade de amar, de se interessar pelo mundo externo e pelo outro. Isso porque por mais que o indivíduo saiba quem ele perdeu, ele não é capaz de compreender o que ele perdeu nesse objeto. Esse sentido migrou para o inconsciente fazendo com que o melancólico não seja capaz de desinvestir a libido daquilo que o conectava ao objeto perdido, mas a investe em si mesmo acreditando estar investindo no outro.

O ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento. A autotortura na melancolia, sem dúvida agradável, significa, do mesmo modo que o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, uma satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionadas a um objeto, que retornaram ao próprio eu do indivíduo nas formas que vimos examinando (Freud, 1911/2006i, p. 256).

Assim, o melancólico acredita que sua dor e sua falta de razão para viver estejam direcionadas ao objeto perdido, mas na realidade ele a projeta em si que, por ser incapaz de se perdoar, inconscientemente, confunde-se com o objeto e torna-se incapaz de esquecê-lo. Poder-se-ia dizer, inclusive, que a autopunição do melancólico não é mais do que a perpetuação da dor da perda do objeto decorrente da incapacidade patológica de esquecê-la.⁷

⁷ Mesmo nas antigas concepções acerca da memória, essa dinâmica de afetos e lembranças já era mencionada: “(...) essa potência da alma teria não apenas o poder de deslocar e reanimar afetos, mas também de apoiar-se neles para seu retorno ao esquecido. Como bem expressa Baldassare Pisanelli, em seu *Dell'anima*, a memória pode, em suas palavras: ‘com um particular afeto de alegria ou de dor



Freud não se esquece do infantil

Ao longo de sua obra, Freud realiza investigações que tomam lembranças da infância como ponto de partida para a compreensão de aspectos fundamentais da causalidade psíquica conforme a psicanálise. E não apenas com base na experiência clínica. Em 1910, publica *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (Freud, 1910/2006f), no qual, a partir de uma recordação ou fantasia de sua infância, discorre, por meio de análises dos impulsos artísticos do pintor e de sua história psicosexual, sobre temas como narcisismo, homossexualidade, noção da criatividade artística e sublimação.

Em 1917, Freud volta a discorrer sobre lembranças remotas da infância e o que elas podem significar dentro de um contexto individual, ao analisar um relato da infância narrado por Johann Wolfgang von Goethe na sua autobiografia, publicada no *Uma recordação de infância de "Dichtung und Wahrheit"*.

Num processo analítico, para chegar ao significado de alguma lembrança é necessário interpretá-la, e no caso das lembranças remotas da infância sabe-se que: "Essa interpretação mostrava que seu conteúdo exigia ser substituído por qualquer outro conteúdo, ou revelava que essas lembranças relacionavam-se com outras experiências inequivocamente importantes e que haviam surgido em seu lugar" (Freud, 1917/2006p, p. 160).

Goethe conta uma recordação dos seus primeiros anos da infância em que brincava com miniaturas de louça junto a três irmãos que moravam próximo a ele, os quais se tornaram seus grandes amigos. Acreditando que aquela brincadeira estivesse um pouco sem graça, lançou uma das peças pela janela. Os irmãos, olhando Goethe bater palmas e se divertir com o que fazia, riam e pediam para que o fizesse novamente, e assim Goethe surpreendido pela possibilidade de diverti-los, jogou muitas louças pela janela.

No seu trabalho clínico, ao escutar histórias e relatos semelhantes aos de Goethe, ou seja, recordações infantis em que na primeira fase da infância arremessavam objetos pela janela, Freud identifica um conteúdo comum entre esses diversos casos. Não mais novidade para a psicanálise, esse conteúdo identificado consiste no sentimento de super afeição e posse que a criança tem pela mãe que é ameaçada pela chegada de um irmão, causando um sentimento de revolta e rancor em relação aos pais. Sendo assim, o significado que essas ações destrutivas e impertinentes simbolizam consiste numa reação à ameaça de perda da atenção materna perante a aparição de um concorrente.

Especificamente do ponto de vista da compreensão freudiana da memória, pode-se ressaltar que uma lembrança da infância aparentemente ingênua e isolada pode estar, na verdade, relacionada a um complexo fundamental para a organização psíquica do adulto, inclusive, no que condiciona sua relação com a própria realidade.

transportar-se na coisa que se deve recordar' (Pisanelli, 1594, p. 27, tradução nossa)" (Carvalho da Silva, 2011, p. 715).



Voltando à relação do ser humano com a realidade, em 1924, no estudo *A perda da realidade na neurose e na psicose*, Freud aborda as reações da psicose e da neurose perante uma realidade não aceitável, ou seja, discorre não especificamente da perda da realidade em si (*Realitätsverlust*), mas da busca de um material substitutivo para ela (*Realitätersatz*). Divide este processo em duas etapas para ambas: “a primeira arrastaria o ego para longe, desta vez para longe da realidade, enquanto a segunda tentaria reparar o dano causado e restabelecer as relações do indivíduo com a realidade às expensas do id” (Freud, 1924/2006a, p. 206).

Nesse processo, percebe-se que na psicose o id predomina e afasta o sujeito da realidade objetiva, criando uma realidade paralela e absolutamente individual a serviço dele; já na neurose, o ego é dependente da realidade e sua perda é evitada pelo próprio indivíduo que é capaz somente de reprimir e negar uma parcela dela, assim, o id influencia na realidade e tenta moldá-la de acordo com aquilo que o ego é capaz de sustentar. Assim, como já mencionada anteriormente, pode-se afirmar que todo ser humano tem sua relação com a realidade de um modo ou de outro perturbada.

Na neurose, essa segunda etapa se concretiza por meio do recalque (*Verdrängung*) que, ao fracassar, possibilita que o conteúdo reprimido se dissipe e crie sintomas. O recalque não é por si só competente o suficiente para fazer o conteúdo reprimido dissolver e desaparecer. Uma lembrança dolorosa nem sempre tem acesso livre ao ego, ela é submetida a um processo de distorção que tem por fim manter o conteúdo doloroso longe da consciência. “Tanto a neurose quanto a psicose são, pois, expressão de uma rebelião por parte do id contra o mundo externo, de sua indisposição – ou, caso preferirem, de sua incapacidade – a adaptar-se às exigências da realidade, à necessidade” (Freud, 1924/2006a, p. 206).

A diferença se dá no fato de que a neurose não é capaz de recusar a realidade da mesma maneira que a psicose o faz, ela é capaz somente de ignorar fragmentos dela, enquanto a psicose possui a intenção de substituí-la. Na psicose o mundo de fantasia é o próprio estofa para modelar uma nova realidade externa substituta (*alloplastisch*), enquanto que na neurose, como numa brincadeira de criança, há uma resignificação simbólica de pedaços da realidade, criando um refúgio interno (*autoplastisch*), sendo, portanto, uma condição psíquica ancorada na plasticidade da memória.

Isso é possibilitado pela existência de um mundo de fantasia, de um domínio que ficou separado do mundo externo real na época da introdução do princípio de realidade. Esse domínio, desde então, foi mantido livre das pretensões das exigências da vida, como uma espécie de “reserva”, ele não é inacessível ao ego, mas só frouxamente ligado a ele. É deste mundo de fantasia que a neurose haure o material para suas novas construções de desejo e geralmente encontra esse material pelo caminho da regressão a um passado real satisfatório (Freud, 1924/2006a, p. 208).



Uma nota sobre o “bloco mágico” (1925) sintetiza metaforicamente o que Freud (1925/2006o) até então pensa sobre como funcionam os processos mnêmicos da retenção das lembranças e dos esquecimentos e como seria o aparelho humano da memória (*Erinnerungsapparat*).

É sabido que as lembranças, com o passar do tempo, são alteradas pela nossa psique tanto na sua importância para o indivíduo quanto na flexibilidade do seu conteúdo relevante. Poder-se-ia dizer que ao registrar uma lembrança por escrito, nossa memória seria capaz de escapar das alterações das quais é submetida, contudo, esse “traço de memória permanente” (*dauerhafte Erinnerungsspur*) que seria simbolizado por este registro pode perder seu valor se a lembrança já não é mais valorizada pelo próprio indivíduo. Sem o desejo de reter na memória o conteúdo registrado, ele não será mais procurado e encontrado pelo sujeito.

Segundo o autor, a capacidade receptiva do ser humano é “ilimitada para novas percepções e, não obstante, registra delas traços mnêmicos permanentes, embora não inalteráveis” (Freud, 1924/2006a, p.256).

Segundo esse ponto de vista, temos um sistema Pcpt. - Cs., que recebe percepções mas não retém traços permanente delas, podendo assim reagir como uma folha em branco a toda nova percepção, ao passo que os traços permanentes das excitações recebidas são preservados em “sistemas mnêmicos” que jazem por trás do sistema perceptual (Freud, 1924/2006a, p. 256).

Categorizando estas impressões psíquicas em dois sistemas diferentes, acrescenta posteriormente que “(...) o inexplicável fenômeno da consciência surge no sistema perceptual em lugar dos traços permanentes” (Freud, 1924/2006a, p. 256).

O bloco mágico funciona como uma lousa, na qual se pode, porém, apagar os registros com um rápido e fácil movimento das mãos. Essa ferramenta possui uma superfície sempre disponível para novas impressões e os registros apagados, por conta da existência de uma camada de celulóide que tem por objetivo evitar efeitos prejudiciais ao aparelho, não são tão bem apagados, de forma que se examinado bem de perto pode-se ver os resquícios deixados pelas impressões anteriores. Freud faz uma analogia entre essa ferramenta e o aparelho perceptual humano. Este “consiste em duas camadas, de um escudo protetor externo contra estímulos, cuja missão é de diminuir a intensidade das excitações que estão ingressando, e de uma superfície por trás dele receptora dos estímulos, ou seja, o sistema Pcpt.-Cs.” (Freud, 1924/2006a, p. 257).

Freud completa, então, a analogia: a superfície da ferramenta, que não registra impressões permanentes e está submetida a outros sistemas contíguos, equivaleria ao sistema Pcpt.-Cs.; a celulóide, que com a função de escudo protetor tem por fim evitar lesões no aparelho e por sua existência impede que os registros apagados anteriormente não



deixem marcas aparentes, equivaleria ao inconsciente, que carrega consigo essas marcas perpetuamente; a alavanca que apaga os registros e torna a superfície disponível novamente equivaleria ao papel da consciência no processo da percepção.

Entretanto, não se pode dizer que essa analogia é totalmente compatível. A semelhança entre esses dois aparelhos (o bloco mágico e o perceptual humano) existe, mas cabe ressaltar alguns fatores que não são verificáveis na ferramenta material.

Minha teoria expunha que inervações de catexia são enviadas e retiradas em rápidos impulsos periódicos, de dentro, para o sistema Pcpt.-Cs. completamente permeável. Enquanto catexizado dessa maneira esse sistema recebe percepções (que são acompanhadas pela consciência) e transmite a excitação para os sistemas mnêmicos inconscientes; entretanto, assim que a catexia é retirada, a consciência se extingue e o funcionamento do sistema se detém (Freud, 1924/2006a, p. 258).

O inconsciente, através do sistema Pcpt.-Cs., atenta-se à realidade de modo que seja possível capturar as excitações verificáveis, ou seja, para que fosse possível fazer uma equivalência exata com o bloco mágico, a superfície e o escudo protetor (celulóide) teriam que ter suas ações cruzadas, simultaneamente. Mas, de qualquer modo, a analogia permite uma representação estrutural aproximativa do sistema da memória, com ênfase na sua descontinuidade.

Por fim, retomaremos um relato de sua própria vivência da memória, tal como narrada por Freud numa carta nomeada *Um distúrbio de memória na Acrópole*, endereçada a seu admirado amigo Romain Rolland, em 1936. Nessa carta, Freud conta a experiência de estar na Acrópole e da sensação de descrença anterior que percebeu sentir quando se surpreendeu com a experiência que estava vivendo e por aquilo que lhe era possível enxergar.

A intenção da viagem de Freud e seu irmão era ir à ilha de Corfu, via Trieste. Por sugestão de um conhecido de seu irmão em Trieste, resolveram mudar os planos e tomar um navio diretamente a Atenas, destino que parecia fora da realidade. Embora fosse bom demais para ser verdade, a perspectiva excitava e inquietava os dois irmãos.

Ao chegar na Acrópole, Freud relata que se sentiu dividido entre duas pessoas: uma estava surpresa com o fato de que aquilo de fato existia, que o que via era de fato parte da realidade, enquanto outra surpreendia-se com o próprio fato de estar surpreso, ou seja com a constatação de que a existência da Acrópole era duvidada no seu íntimo. Para ele, o mau humor (*üble Laune*) que sentira na cidade anterior e a ideia que tivera na Acrópole estavam intrinsecamente associados.

Momentos e ideias muito prazerosas fazem com que o indivíduo ao desacreditar desta possibilidade, sinta-se depressivo, e na vivência de um evento desta importância perceba em si a sensação de descrença e surpresa. “Quando estabelecemos a existência de um fenômeno, o passo seguinte é, naturalmente, conhecer sua causa. A incredulidade, como essa que se



verificou, é evidentemente uma tentativa de repelir uma parte da realidade” (Freud, 1936/2006n, p. 239).

Entretanto, como não crer em algo prazeroso? O que levaria um indivíduo a resistir a uma realidade prazerosa? Para essa questão, Freud traz o exemplo de pessoas que se paralisam mentalmente após uma realização muito esperada, e revela que:

O contraste entre as duas situações não é tão grande como parece à primeira vista. O que acontece no caso paradoxal é simplesmente que o lugar da frustração externa é assumido por uma frustração interna. O sofredor não se permite a felicidade: a frustração interna ordena-lhe que se aferre à frustração externa (Freud, 1936/2006n, p. 240).

Esse deslocamento das frustrações pode se dar por duas razões, ou um pessimismo com o qual o sujeito sente que aquilo é muito positivo para fazer parte da realidade, ou um sentimento de inferioridade e culpa com o qual não se sente digno de tal merecimento. Também estaria em jogo um retorno de uma crença do passado:

Essa incredulidade, essa dúvida quanto a um aspecto da realidade, estava, contudo, duplamente deslocada em sua expressão real: primeiro, estava atribuída ao passado e, segundo, estava transportada de minha relação para com a Acrópole, para a própria existência da Acrópole. E assim ocorreu algo que equivalia a uma afirmação de que, em certa época do passado, eu duvidara da real existência da Acrópole -, um fato que, no entanto, minha memória rejeitava como incorreto e, com efeito, impossível (Freud, 1936/2006n, p. 241).

Freud recordou-se que quando jovem duvidava tanto do fato de poder ver a Acrópole, como da própria existência da Acrópole e afirma sobre o sentimento de incredulidade que fora tomado: “Tal sentimento é conhecido como ‘sentimento de desrealização’ [*Entfremdungsgefühl*]. Fiz um intento de afastar esse sentimento, e o consegui à custa de uma falsa afirmação acerca do passado” (Freud, 1936/2006n, p. 241).

Uma vez que esta falsa afirmação é elaborada acerca do passado do indivíduo, conclui-se que diz respeito a ela: o próprio indivíduo; o objeto, lugar ou evento incrédulo; e a percepção do indivíduo sobre este. Na impossibilidade de reconhecer os fatores e as causas dessa enigmática elaboração que se configura no encerramento de uma dúvida sobre um fator real, Freud diz: “Eu não podia explicar essa dúvida; evidentemente, não podia ligar a dúvida às minhas impressões sensoriais referentes à Acrópole” (Freud, 1936/2006n, p. 241).

Essas desrealizações são fenômenos notáveis, ainda pouco compreendidos. Diz-se serem “sensações”, mas, evidentemente, são processos complexos, vinculados a conteúdos mentais peculiares e vinculados a operações feitas a respeito desses conteúdos (Freud, 1936/2006n, p. 242).



Essas perturbações são, evidentemente, mais frequentes nas patologias mentais, mas também ocorrem nas pessoas normais, algo como “alucinações ocasionais dos saudáveis” (*die gelegentlichen Halluzinationen der Gesunden*). Apesar desse fenômeno, assim como o sonho, ser algo muito comum entre os seres humanos, as desrealizações são falhas do funcionamento no sentido que, de acordo com a defesa psíquica, aquele conteúdo deveria estar afastado, repellido do ego. Esses fenômenos, que representariam uma falha do funcionamento psíquico, podem ser acessados de dois modos, ou o indivíduo tem a sensação de estar dividido, como se tivesse duas consciências e fosse capaz de ser observado e observar a si mesmo (fenômeno da despersonalização), ou, parte da realidade lhe é irreconhecível, estranha.

Outros fenômenos já abordados anteriormente como a *fausse reconnaissance* e o *déjà vu* também se configuram como vias de acesso a essas falhas e, segundo Freud, são “ilusões em que procuramos aceitar algo como pertencente ao nosso ego, do mesmo modo como, nas desrealizações, nos empenhamos em manter algo fora de nós” (Freud, 1936/2006n, p.242).

Sabe-se que para afastar aquilo que é reconhecido como doloroso da consciência há diversos mecanismos, sendo o mais assertivo deles o recalque (*Verdrängung*). Freud (1936/2006n) afirma:

Entre a repressão e aquilo que se pode chamar de método normal de afastar o que é aflitivo ou insuportável, reconhecendo, considerando, ajuizando e passando a uma ação adequada a respeito dessa mesma coisa, existe toda uma série de métodos de comportamento, mais ou menos claramente patológicos, por parte do ego (p. 243).

Pode-se dizer que a desrealização é um exemplo desses mecanismos que contribuem para repelir algum conteúdo do ego, em que um distúrbio mnêmico junto a uma falsificação do passado remodelam a experiência de um indivíduo para si mesmo. Ou seja, também pertence ao jogo entre o tesouro da memória do eu (*Erinnerungsschatz des Ichs*) e a impressão das primeiras experiências dolorosas, em um retorno inesperado e incontrolável das lembranças que fazem sermos o que somos, mesmo quando se vai mais longe do que se esperava.

Considerações finais

O problema da memória é abordado por Freud desde as investigações pré-psicanalíticas sobre a etiologia da histeria até a última fase de seu pensamento. Na clínica da neurose, na metapsicologia, nas reflexões sobre a cultura ou mesmo em momentos de autoanálise, Freud retorna ao tema, acrescentando nuances ou tentativas de formalização,



mas, de modo geral, mantendo-se fiel às primeiras elaborações, o que nos permite identificar mais continuidade do que ruptura em sua análise da memória.

Em suma, ninguém é absolutamente capaz de escapar do seu próprio passado. Entretanto, há uma acomodação das lembranças que emergem ou reemergem à consciência do indivíduo perante a uma nova situação. Na tentativa de ignorar o próprio passado, o sujeito pode sentir-se traído, sua consciência pode ser incapaz de manter sua fidelidade e pode ser atropelada pela memória que forçadamente entra num processo de reedição e abre um espaço para que o inconsciente possa perturbar sua própria identidade.

Simplemente esquecer não nos liberta daqueles conteúdos dolorosos. As lembranças não são perdidas e invalidadas. Por outro lado, o traço permanente não se revela puro e facilmente acessível. Ou como afirma Milan Kundera (2002) no romance *A ignorância*:

Se quisesse contar essa lembrança como uma pequena anedota com um sentido, seria obrigado a inseri-la numa sequência causal de outros acontecimentos, outros fatos, outras palavras; e como os tinha esquecido, só podia inventar, não para enganar os outros, mas para tornar as recordações mais inteligíveis (p.101).

Freud afirma que o ser humano retém registrado em sua memória consciente muito pouco em relação àquilo que já vivenciou, e diz que se fosse possível reter na consciência toda experiência já vivida, nada teria a ver com os humanos, sendo capaz até de julgá-los pela ausência desta função. Em relação ao funcionamento mnêmico, Freud parte da ideia do esquecimento, e não das lembranças. Nas palavras de Kundera (2002):

Poder-se-iam criticar indefinidamente aqueles que deformam o passado, o reescrevem, o falsificam, que aumentam a importância de um acontecimento, se calam a respeito de outro; essas críticas são justas (não podem deixar de ser) mas não tem grande importância se não são precedidas por uma crítica mais elementar: a crítica da memória humana como tal. Do que esta pobre coitada é capaz? Ela só pode reter uma pequena parcela do passado, sem que ninguém saiba por que justamente aquela e não outra, pois esta escolha, cada um de nós a faz misteriosamente sem o controle de nossas vontades e de nossos interesses. Nada compreendemos da vida humana se persistirmos em escamotear a primeira de todas as evidências: uma realidade tal qual quando ela existiu não existe mais; sua restituição é impossível (p. 100).

Para Freud, as principais tendências do funcionamento da memória, ou seja, as principais razões que levam um indivíduo a esquecer determinada parcela do passado e não outra fundamentam-se no tão obscuro inconsciente individual, que por sua vez tem como conteúdo de maior relevância a primeira infância do ser humano e suas primeiras relações parentais.



A memória humana na teoria Freudiana funciona nas mesmas bases do “bloco mágico”, no qual todas as experiências do indivíduo são registradas e todo registro deixa marcas. No inconsciente ficam marcas daquilo que é insuportável para a consciência.

Assim, a identidade movediça do ser humano em função do funcionamento extremamente dinâmico de sua memória que remodela, desloca e enfatiza detalhes ilusórios que não apontam para o conteúdo que se pretende significar, tenta proteger o sujeito dos seus mais dolorosos registros ao mesmo tempo que o dilacera sem que ele saiba. Esse dinamismo tem o poder de regência da vida de cada um de nós e fica sempre claro, tanto para Freud quanto para Kundera que de fato: “A vida que deixamos atrás de nós tem o mau hábito de sair da sombra, de queixar-se de nós, de nos processar” (Kundera, 2002, p. 74).

Referências

- Antonello, D. F. & Herzog, R. (2012). A memória na obra freudiana, para além da representação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 64(1), s.p. Recuperado em 25 de junho, 2013, de <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/746>
- Bastos, A. (1999). Sobre a lembrança: uma abordagem psicanalítica dos limites estruturais da memória. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(3), s.p. Recuperado em 25 de fevereiro, 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000300006&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0102-79721999000300006.
- Carvalho, P. O. (2003). *Uma investigação da memória em Freud*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ.
- Carvalho da Silva, P. J. (2011). Lembrar para esquecer: a memória da dor no luto e na consolação. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 14(4), 711-720.
- Freud, S. (1976). *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main, Alemanha: Fischer Verlag.
- Freud, S. (2006a). A perda da realidade na neurose e na psicose. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (Vol. XIX, pp. 203-209). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924).
- Freud, S. (2006b). Além do princípio de prazer. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (Vol. XVIII, pp. 12-75). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).
- Freud, S. (2006c). Esboços para a “comunicação preliminar” de 1893. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (Vol. I, pp. 189-196). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1893).
- Freud, S. (2006d). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Em S. Freud. *Edição standard*



- brasileira das obras psicológicas completas* (Vol. I, pp. 267-331). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1950, manuscritos de 1892-1899).
- Freud, S. (2006e). *Fausse reconnaissance ('dêjà raconté')* no tratamento psicanalítico. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (Vol. XIII, pp. 205-212). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (2006f). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (Vol. XI, pp. 67-73). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1910).
- Freud, S. (2006g). Lembranças encobridoras. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (Vol. III, pp. 285-304). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1899).
- Freud, S. (2006h). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (Vol. VI, pp. 13-66). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1911).
- Freud, S. (2006i). Luto e melancolia. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (Vol. XIV, pp. 245-263). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (2006j). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (Vol. XII, pp. 123-133). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1912).
- Freud, S. (2006k). Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (Vol. XII, pp. 161-171). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (2006l). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (Vol. VI, pp. 13-66). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1901).
- Freud, S. (2006m). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (Vol. II, pp. 39-53). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1893).
- Freud, S. (2006n). Um distúrbio de memória na Acrópole. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (Vol. XXII, pp. 235-245). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1936).
- Freud, S. (2006o). Uma nota sobre o "bloco mágico". Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (Vol. XIX, pp. 253-259). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1925).



- Freud, S. (2006p). Uma recordação de infância de *Dichtung und Wahrheit*. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (Vol. XVII, pp. 157-167). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1917).
- Goldfarb, D. C. (2004). *Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Psicologia escolar e do desenvolvimento humano, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Kundera, M. (2002). *A ignorância* (T. B. C. da Fonseca, Trad.). São Paulo: Companhia das letras; Schwarcz. (Original publicado em 2000).
- Massimi, M. (2010). A memória ventre da alma. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 13(4), 667-679.
- Reuchlin, M. (2010). *Histoire de la psychologie*. Paris: PUF.
- Stoppel de Gueller, A. (2001) *Sobre a (a)temporalidade: os paradoxos do tempo no pensamento freudiano e sua incidência nos processos de constituição psíquica*. Tese de doutorado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Zeppellini Junior, J. C. (2013). *Demências: sob o domínio das lembranças*. Tese de doutorado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.

Nota sobre os autores

Carolina Fasano Quintella é graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, atua como psicóloga clínica em consultório particular e faz especialização no curso de psicoterapia psicanalítica para psicólogos pela Universidade Federal de São Paulo. E-mail: carolinafqintella@gmail.com

Paulo José Carvalho da Silva é professor da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), bolsista de produtividade do CNPq e psicanalista membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Possui graduação em Psicologia (USP), mestrado em História da Ciência (PUC-SP) e doutorado em Psicologia (USP). Foi professor convidado na EHES-Paris entre 2008 e 2009. E-mail: paulojcs@pucsp.br

Data de recebimento: 06/08/2013

Data de aceite: 08/04/2014